

Á epoca post-romana pertence uma candeia arabica de barro, de Beja, e muitas cousas portuguezas, antigas e modernas: quadros, azulejos, armas, moedas, e espécimes de etnografia artistica dos pastores alentejanos (um polvarinho de 1737, colhéres de pau e de chifre, pintadeiras etc.). O polvarinho é muito curioso, quer por causa dos seus labores (animaes, vegetaes, rosetas, vaso de flores, etc.), quer por estar nele gravada uma quadra: infelizmente esta é muito licenciosa, não a posso transcrever aqui.

Com o museu possui o S.^{or} Villanova uma biblioteca, formada de livros antigos, e de livros modernos. Nos ultimos predominam, como é natural, os de Archeologia e de Agricultura, visto que seu dono, se consagra amor ás cousas arcaicas, é tambem importante lavrador, que tem de cuidar dos campos.

11 de Novembro de 1918.—Parti á noite para Lisboa, passando umas horas na Quinta da Esperança (Cuba), pertencente ao S.^{or} D. José Manoel Braamcamp Barahona, que, em companhia do seu Pai, o S.^{or} Conde da Esperança, aí me mostrou muitas preciosidades de arte antiga, ainda em uso, tais como pratas, loiças, roupas, móveis, que dão idea perfeita do que devia ser o interior de uma casa, rica e nobre, dos tempos heroicos de Portugal. Tantas que havia outr'ora, e hoje tão raras!

J. L. DE V.

Uma fundação de D. Tareja

(O mosteiro de Ermelo)

1. Explicação prévia—2. Situação do mosteiro—3. O convento e a igreja
4. Efemérides de Ermelo—5. Lendas conhecidas

1

«Desnecessário é hoje encarecer as vantagens, que resultam de registar, nas páginas das publicações especiais, todas as relíquias, por mais modestas que pareçam, da architectura antiga. Não é simplesmente o edificio monumental e grandioso, que deve ser estudado: nas construções da mais reduzida fábrica, escondidas nas sombras dos campos e relegadas para o fundo dos vales, há importantísimos elementos de observação. As correntes das ideas e dos estilos circulavam em canais conhecidos e limitados; não se espraiavam como hoje ao sabor de inúmeras influências de carácter individual e social, em prejuízo do sentimento de unidade, o único que é capaz de criar

e conservar uma escola. As singelas edificações eclesiásticas dos primeiros tempos da monarquia¹, salvas ainda hoje do naufrágio dos séculos, em ocultos recessos das nossas províncias do norte, representam tam genuinamente uma escola, um estilo, uma época, como as catedrais opulentas, os mosteiros grandiosos, as igrejas monumentais, erguidas com todos os recursos artísticos e pecuniários.

Pessoalmente a mim, sempre me produziram uma singular impressão essas pequenas igrejas rurais, construídas no estilo românico. Foram discretas testemunhas das lutas de que nasceu a nossa nacionalidade e tanto a enrijaram que ela viceja ainda . . . nove séculos andados. Sente-se diante das paredes antigas, sigladas pelos obscuros canteiros, um desejo insofrido de conversar com elas, inquirindo-as por aqueles velhos tempos, por aqueles guerreiros indomáveis, por aqueles conciliábulo pela calada da noite, nas vésperas dalgum feito ousado, ao arrancar para alguma empresa de armas.

O edificio religioso que, com mais viva comoção, me abalou de entre os que na minha própria terra tenho visitado, foi aquele de que vou dar aqui uma resumida notícia. O conhecimento exacto da sua fundação, a reminiscência de uma princeza como foi a consorte do conde D. Henrique, da sua época, da sua vida, não me deixavam insensível à sugestão daqueles silhares, tam velhos e tam frescos ainda do primitivo vigor. É ainda debaixo dessa impressão que escrevo, apesar de lhe terem passado por cima alguns anos já. Não o esqueço. Intento trazer a público a notícia de todos os antigos monumentos architectónicos do meu concelho; mas a razão de começar por êste é sinceramente a minha preferência quasi affectiva pelos restos do velho mosteiro de Ermelo».

Estas considerações fazia eu em 1902, depois de ter realizado a excursão a Ermelo, duas vezes no mesmo ano de 1897, em Maio e Outubro. Preparava-me então para publicar uma monografia geral sobre o concelho dos Arcos de Valdevez e para isso ia armazenando todos os elementos do meu programa; por nova orientação da minha vida, sobreestive no plano. Catorze anos sucessivos impuseram silencio a êste estudo, que retiro agora dos meus cadernos. O meu interesse actual por estes valiosos restos é o mesmo, senão mais, que outrora, mas a minha sincera emoção de incipiente, ledô e despreocupado, quasi gelou no sangue. As fotografias e desenhos dêste artigo são ainda os provenientes das duas visitas, que fiz a Ermelo em 1897; toda a parte descriptiva se fundamenta nas notas tomadas então.

¹ Presentemente poderíamos já falar das anteriores.

2

A situação desta freguesia é selvática; dista dos Arcos de Valdevez 13 quilómetros e fica na margem direita do rio Lima (*Arch. Port.*, x, 260). Pertenceu ao antigo concelho de Soajo e agora pertence ao dos Arcos de Valdevez. Estradas não há; caminhos estreitos e escabrosos, mas surpreendentes de paisagem.

O local, em que a igreja está construída, foi inteligentemente escolhido. Em toda a margem direita do rio, desde a freguesia de S. Jorge para montante, não se encontra situação que possa comparar-se à do mosteiro do Ermelo. Quem o demanda, trazendo o caminho paralelo ao rio, só o avista quando já muito próximo se detêm, em uma revolta da calçada. É um patamar da encosta que se depara, um plano de desafogadas vistas aquele onde se acoita a vetusta igreja. Para diante, as margens do Lima, dêste lado, tornam-se mais abruptas e penduradas sobre o leito, aproximando-se altaneiras dele. Sugeriu-me a disposição do sítio a da concavidade de uma grande concha, voltada para o rio e aberta para o sol, a meio da qual a igreja se engastasse com a sua coloração antiga, abrigando-se precavidamente das nortadas arrefecidas nos visos não distantes do Outeiro-Maior. A posição do sertanejo cenóbio era pois magnífica e verdadeiramente estival. Estava-se na primeira quinzena de Maio quando da minha primeira visita e já do ambiente se evolava o aroma criador da vinha em pleno desabrochar.

Nas cumeadas e pendores, que limitam a paisagem de exuberante rudeza, e onde, a intervalos, leiras delgadas de terra lavradia nutrem as culturas anuais do centeio e do milho, uma compacta vegetação de medronheiros luzidios esverdinha intensamente o quadro agreste, recordando-nos o zelo providente dos beneditinos que, ao aceno de uma rainha medieval, deixaram, em volta do seu couro monástico, segundo é voz na montanha, os preâmbulos de uma arborização alegre e ao mesmo tempo utilitária. Ainda hoje o medronho é ali aproveitado para aguardente e constitui um dos rendimentos da igreja.

3

Da primitiva construção existe a igreja românica e alguns fundamentos e paredes do convento, conservando uma destas três arcos característicos, de larga ogiva e impostas salientes, mas já meio soterrados. Êste anexo da igreja não se me afigurou vasto. Dos documentos, como adiante veremos, infere-se que a mãe de D. Afonso Henriques não teve ensejo de acabar a sua fundação, e é talvez em

consequência dessa circunstância que a igreja me deu a impressão de ter tido um plano primitivo, de certa grandiosidade, o qual posteriormente, mas dentro da mesma época architectural, foi reduzido a modestas proporções. É digna de nota esta concordância do deplimento antigo, a que me referirei, com as observações que tenho feito¹. A essa construção inicial pertence o arco do cruzeiro com as suas colunas interiores, os dois arcos colaterais e um formosíssimo espelho na empena, que daria luz para o corpo do templo, abrindo-se



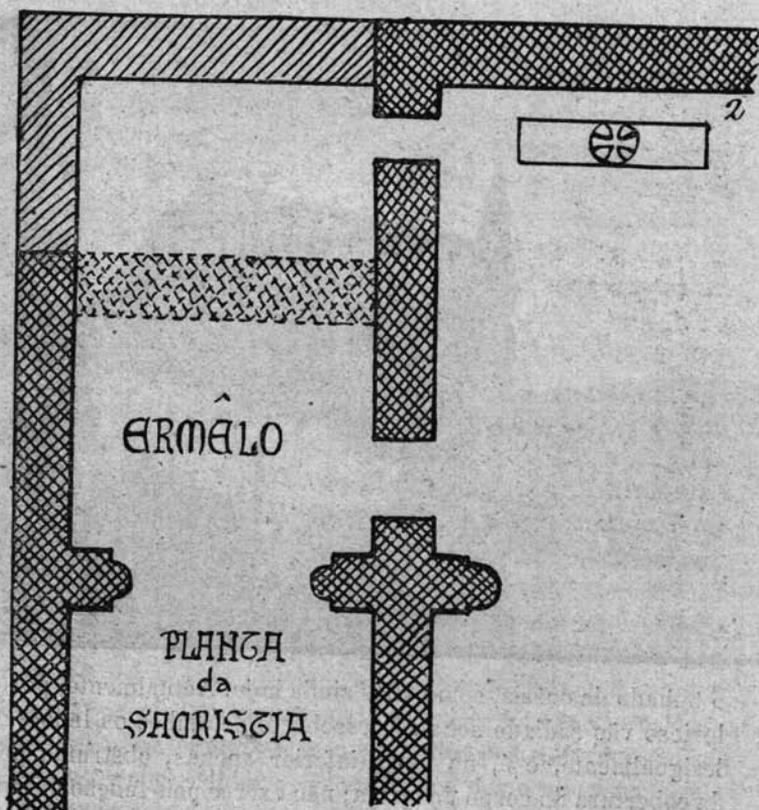
sobre o telhado da oussia, como aliás ainda hoje. Actualmente, porém, esse glorioso vão radiado acha-se descoberto de ambos os lados, embora desigualmente, e é, na parte inferior apenas, obstruído pelas asnas da cobertura do corpo da igreja; não exerce pois função alguma.

O alçado desta parede, que vem a ser a do cruzeiro do templo, do lado do evangelho está completo, existindo ainda um arco menor com colunas, o qual actualmente fica dentro da sacristia. Pelo lado exterior, essa parede levanta verticalmente o seu cunhal até a base da empena,

¹ As paredes laterais do corpo da igreja estão mais a dentro do que deviam estar no presumido plano primitivo, mas as portas laterais e os cachorros mostram a sua época. Além disto as paredes da oussia não estavam como agora no seguimento das do corpo da igreja.

onde remata com um par de mísulas. O arco existente desse lado comunica a sacristia com uma quadra, que serve de passagem para o torreão ou campanário.

A meio da actual sacristia notam-se, sobre a face externa da capela-mor, os sinais de ter sido aí apeada uma parede para dar maior capacidade àquela dependência, fazendo-a alcançar o cunhal antigo da oussia. Pode ver-se, no esboço de planta, indicada a linhas ponteadas a projecção dessa parede.

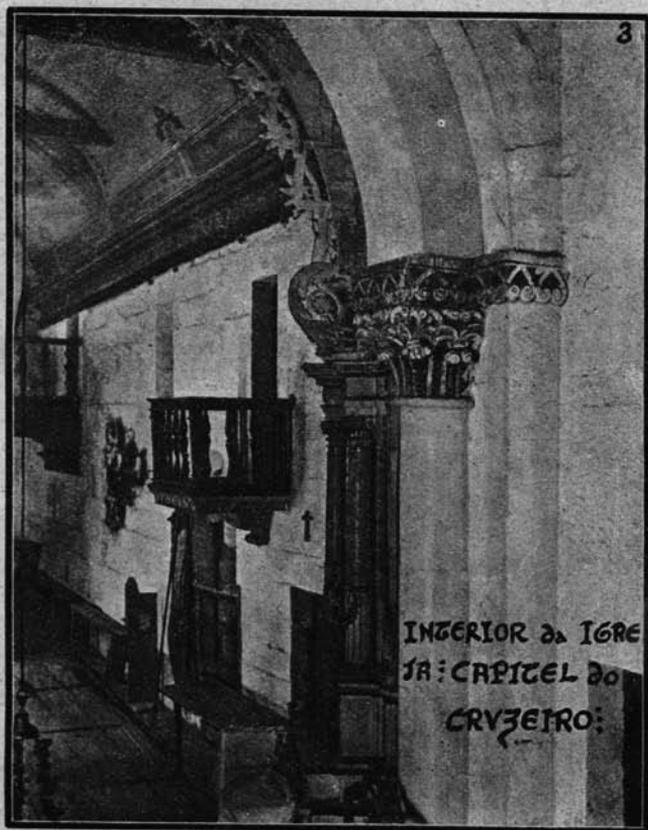


O arco do cruzeiro, também chamado triunfal, ergue-se de dois fustes vigorosos embebidos em grossas pilastras, que avultam fortemente das paredes. A ornamentação dos dois capitéis é larga e profunda e eles mesmo são de dimensões avantajadas. Nos ábacos corre um motivo que se reproduz, por exemplo, nas Águas Santas.

Na figura que representa a igreja do lado da capela-mor, mas observada da margem do Lima que corre ao fundo, poderão notar-se, embora com a diminuição da distancia, a parede posterior da

oussia com a sua fresta rica, o espelho no vértice da empena que remata a parede do arco triunfal ou cruzeiro e, perfilando-se sobre o caiado do campanário moderno, as duas mísulas da cornija, a que me reporto acima.

Da banda da epístola, conserva-se ainda outro bellissimo arco, de curiosa curva, o qual reproduzi em duas fotografias. Como se vê, esta parte está fora já do templo actual e a própria parede exterior não foi acabada como no outro ângulo¹. Superiormente ao arco, uma fresta,



que arregaça para o interior, devia iluminar êste colateral da igreja; o que indica que êle havia de prolongar-se por êsse lado, para um absidíolo, capela ou qualquer outra quadra, deixando isolada a oussia; sem dúvida não era para abrir para o exterior, a modo de porta. Seria

¹ Sentada debaixo dêsse arco antigo vê-se a figura de um dos meus companheiros da excursão e ilustre conterrâneo, o Dr. Francisco Teixeira de Queiroz.

um absurdo architectónico e de certo essa lumieira não se fez com o fim de servir para aquilo para que hoje serve, que é para nada.

Este arco dá a súbita impressão de um arco mourisco, mas não o é. Recorda os arcos da igreja da Travanca, na parte inferior, mas aqui é um arco dobrado¹. O cesto do capitel é que lembra certas flores de duplo cálice sobreposto; e esta disposição dá-lhe tam desmesurada altura que o fuste tem de suportar, ingénua mas brutalmente, um capitel e respectivo ábaco tam altos e corpulentos como

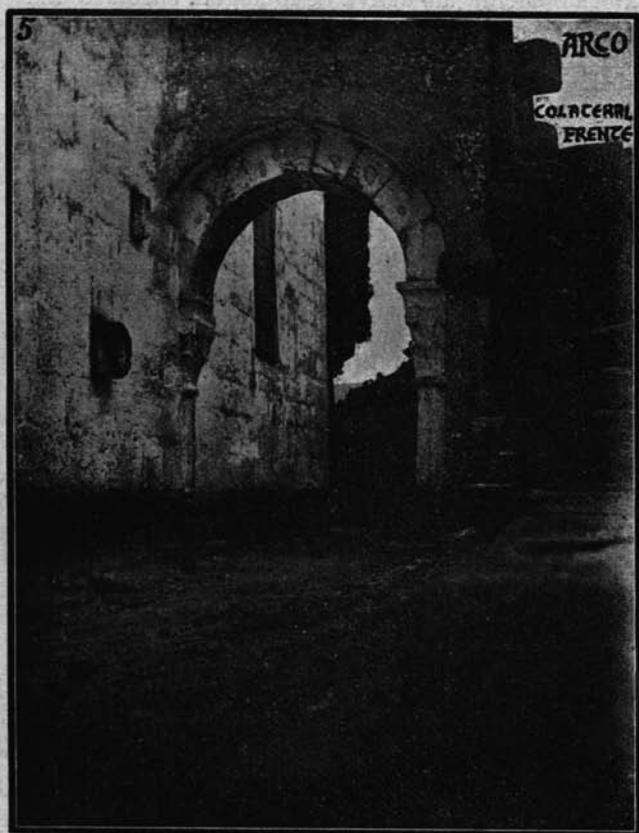


ele próprio. Ha tal ou qual analogia entre estes capiteis e os da igreja de Unhão; mas julgo que se filiam no tipo coríntio profundamente deturpado. O que é inegável, é que as linhas que desenham o vivo d'êste arco são de uma estrema galhardia.

¹ *Précis d'Archéol. du Moyen-Age*, par J. A. Brutails (Toulouse-Paris, 1908) p. 67, fig. 36.

A igreja tem actualmente uma só nave, mas, segundo o depolimento do *Dicionário Geográfico*, em 1758, tinha três naves, o que não se compreende.

A capela-mor ou oussia tem a sua parede posterior realçada por uma fresta de rica concepção; seis colonelos lhe ornam os umbrais; quatro interiores e dois exteriores. Alguns dos desenhos que apre-



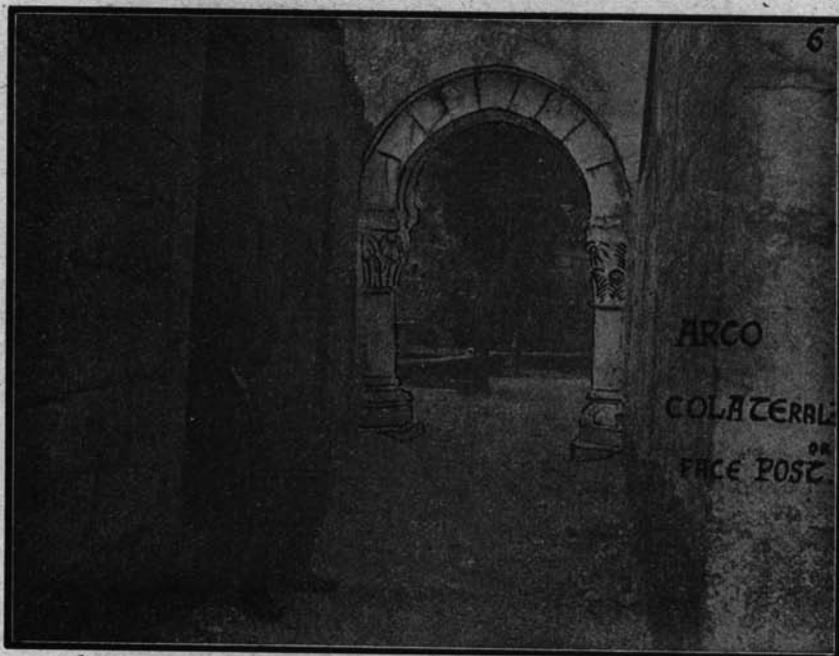
sento são verdadeiros instantâneos a lápis; que nos relevem os leitores exigentes.

Isto é o que parece ser a parte da igreja, contemporânea da régia fundadora. O primitivo plano teria sofrido uma transformação para mais modesto; porque a anchura do corpo da igreja ficou limitada à do arco cruzeiro, entestando as paredes laterais sobre os panos que constituem os pés direitos desse arco máximo, quasi entaipando as colunas dos arcos laterais, como se averigua nas figs. 5 e 7. Essa modificação deu-se, porém, ainda sob o domínio do românico, porque

são também do mesmo estilo o portal da igreja e as duas portas travessas, todas de simplicíssima concepção, destoante da liberalidade ornamental da outra parte do templo.

O espelho, de que os meus apontamentos gráficos dão uma rápida impressão, é de múltiplos colunelos radiais, que estribam três arquivoltas concêntricas e carregadas de labores diferentes.

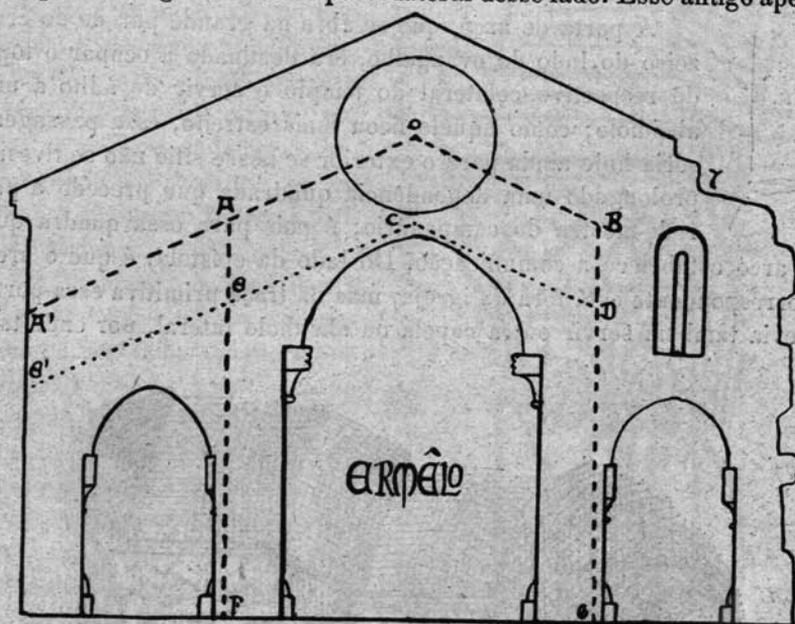
A externa ostenta uma silva de folhagem enrolada mais ou menos estilizadamente, com descontinuidades, como se vê no esbôço da fig. 15. Na porta lateral da igreja de S. Tiago (Coimbra) vê-se uma ornamen-



tação igual, a que os franceses chamam *rinceau*. A imediata é ornada de botões ou cabeças de prego cónicas, fendidas em cruz e lavradas em relêvo forte nas aduelas, a dentro de cada uma das juntas, o que lhes tira exacta equidistância; a última é um toro ou cordão de losangos de duplo sulco gravados transversalmente. Estas três arquivoltas contíguas têm disposição embusitada, circunscrevendo o disco central de pedraria recortada com graciosa arte. Por sua vez, este consta sumariamente de um feixe de estreitos colunelos cilíndricos, irradiantes de um centro maciço e entremeados junto dos seus topos externos com um círculo de pérolas anichadas em pequenos arcos de ligação.

Na fig. 18 desenhei pelo lado interno a porta principal; as impostas tem uns relevos simples, como almofadas sobrepostas. No tímpano uma cruz trina vasada serve de ventilador, bem necessário juntamente com as frestas, em uma igreja, cujo pavimento era constituído por sepulturas. Disposição não rara.

Em uma destas paredes, a do lado da epístola, ainda se pode observar exteriormente o fundo sulco vertical com que vincou o granito a corrente de ferro de um sino, ao qual servisse de suporte um campanário erguido sobre a porta lateral desse lado. Esse antigo apên-



PAREDE DO ERMO

AOB — Linha actual do telhado do corpo da igreja.

ECD — Linha actual e primitiva do telhado da oussia.

AEF e BDG — Prumadas das actuals paredes do corpo da igreja (e oussia).

AA' — Linha do telhado da quadra consecutiva à sacristia do lado do corpo da igreja.

EE' — Linha do telhado da sacristia actual.

dice não existe já; construiu-se outro modernamente do lado oposto. Debaxo dos beirais corre a fiada de cachorros multiformes, que entretinham a imaginação medieval e são hoje de indecifrável alusão.

Uma das fotografias reproduz, pelo lado da epístola na direcção da fachada, a cornija suportada pelos subjacentes modilhões, verdadeira viga de granito assente nos topos esculpturados de presumidos barrotes transversais do madeiramento.

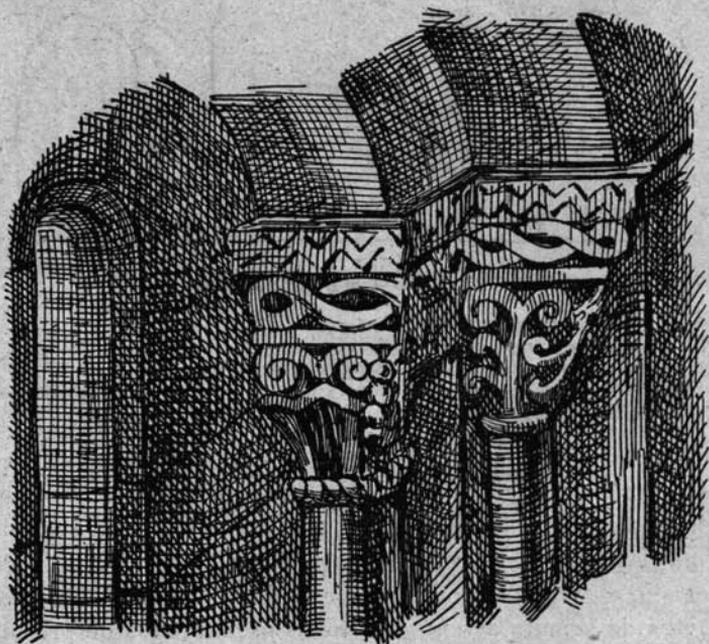
Das primitivas paredes colaterais do templo existem os funda-

mentos; pode estudar-se nesses vestígios um sistema construtivo ainda hoje em vigor e que denominam *repisa* no Alto-Minho; é uma maior espessura da parede do alicerce, constituindo a saliência de um degrau de alvenaria junto do solo.



A capela-mor é inteiramente do fabrico primitivo. A porta de comunicação para a actual sacristia não é decerto a antiga; mas mais modernamente abriu-se nova passagem através da parede para o trono da capela-mor e esse trono é uma inovação.

A porta de arco, que se abre na grande parede do cruzeiro do lado do evangelho, era destinada a ocupar o tampo do respectivo colateral do templo e servir de ádito a um absidiolo; como aquêle ficou mais estreito, essa passagem seria hoje ainda para o exterior se nesse sítio não se tivesse prolongado uma dependência quadrada que precede a parede-mestra do campanário; é pois para essa quadra que o arco estabelece a comunicação. Do lado da epístola, é que o arco correspondente está fora da igreja, mas na traça primitiva essa porta devia também servir outra capela ou absidiolo lateral, por onde tal-



CAPITEIS da FRESTA da OVSSIA

vez se fizesse a comunicação com o convento que ficava dêsse lado. Isso porêem creio que jamais se construiu.

Na parede exterior livre da capela-mor, vários cachorros ou dentilhões são a prova de que lateralmente algumas pequenas construções lhe aderiam; mas nas paredes do corpo da igreja existem iguais suportes, o que parece demonstrar que à roda dela alguma alpendrada corria, como ainda hoje nas ermidazinhas do sul. É um processo diferente do actual, em que se prefere embeber a extremidade dos barrotes ou vigas em agulheiros feitos na própria pedra.

A fachada tem uma fresta que abre para o côro, arregaçando, mas lateralmente ainda outra fresta de igual desenho o ilumina. Tanto uma como outra tem as aduelas do fecho lavradas pelo lado interno. Em uma é uma estrêla flamejante, em outra vê-se o relêvo mal definido dum animal, talvez um cordeiro; aqui deixo a indicação gráfica da singularidade.

lado esquerdo da fresta (internamente)



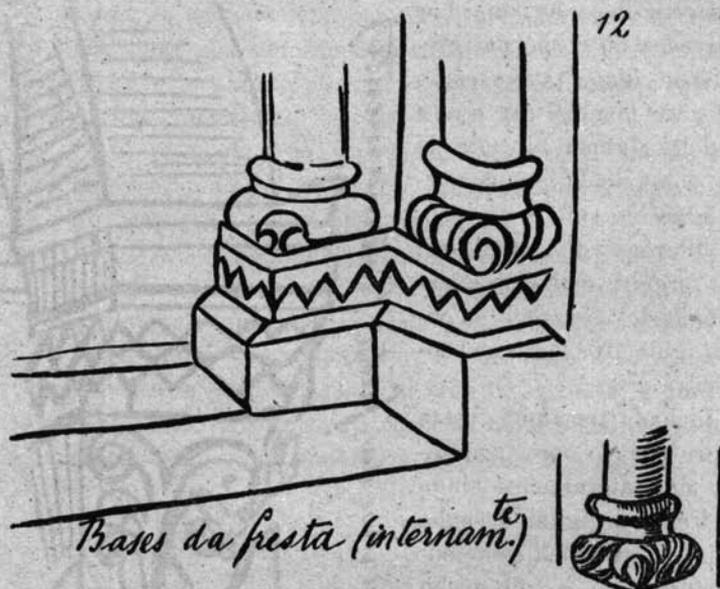
Não faltam siglas de canteiro na silharia; um dos mais frequentes é a letra Ψ , que aliás também aparece nas pontes medievais do concelho.

O altar-mor não está ligado à parede do fundo, mas um pouco afastado. Para servir de fundo ao conjunto, pintou-se a parede com um fresco que, segundo o P.^o Carvalho da Costa (1706), representava a Virgem Maria e S. Bento¹. À data da minha visita, ainda se viam

¹ *Toutes les églises du Moyen-Age étaient peintes à l'intérieur et au moins partiellement à l'extérieur. (La Peinture décorative en France du onzième au seizième siècle) par Gélis-Didot & Laffillée, citada por J. A. Brutails no Précis d'Archéologie du Moyen-Age (Toulouse-Paris 1908) p. 90). Cf. as minhas Pinturas parietais.*

vestígios da pintura. Exteriormente nenhum contraforte; a igreja devia ter sido coberta com telhado.

É voz corrente, na própria freguesia do Ermelo, que o convento foi acabado, mas destruído por um incêndio. O que é certo, é que os



monges, apesar da amenidade da situação, tinham relutância em habitar aquele ermitério, talvez pela sua inópia, a que os documentos fazem referência e que serviu de fundamento à doação de D. João I.

Uma singular informação me deram alguns moradores; o pavimento da igreja era constituído por carneiros de granito, escavados em trapézio com um nicho para a cabeça do defunto, sepulturas *mumiformes*. Não existiam já; todos foram partidos para fornecer a pedra para uma calçada que desce ao rio; efectivamente ainda pude ver que um desses calhaus apresentava parte da cavidade circular da cabeceira. Seriam coevas da edificação da igreja estas sepulturas interiores? Eis o que não tem fácil resposta. É certo que os enterramentos dentro dos templos estavam reprovados desde o primeiro concílio de Braga, o que suficientemente revela que eles se praticavam, pois que não se proíbe o que não se faz. Mas é provável que o uso se restabelecesse pouco a pouco e disso há algumas provas, a que a



informação supradita vem dar algum apoio¹. Além disto, tendo esta igreja começado por um cenóbio rural, que depois se transformou em freguesia, não repugna crer que desde o início as inumações se fizessem dentro da própria igreja.

4

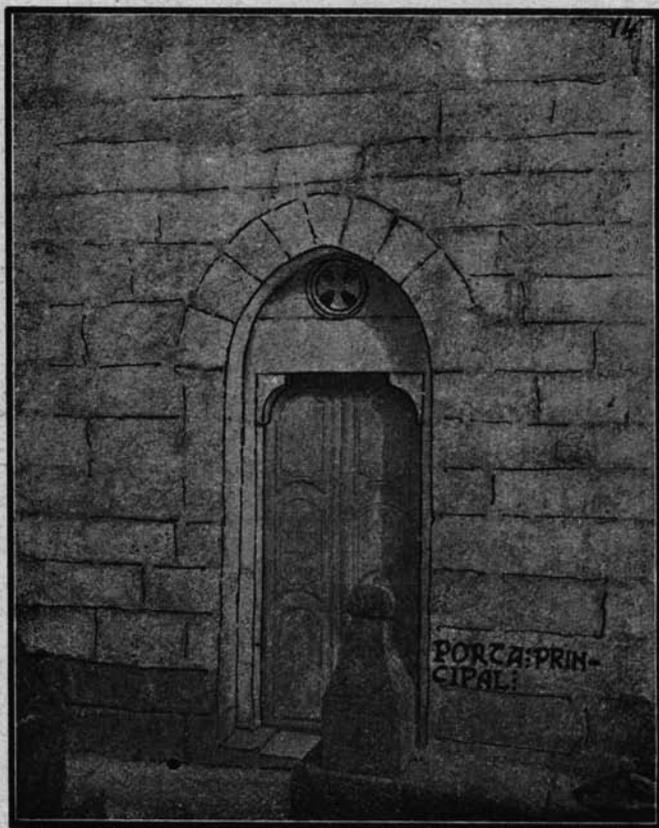
As duas referências mais antigas a êste mosteiro encontram-se, uma nas *Inquirições* de 1258² e outra em uma carta de D. João I; aquela



¹ Vid. *Arch. Port.*, I, 190 e *Elucidario* de Viterbo, I, 430. No doc. citado por Viterbo fala-se claramente em *ecclesia*, quando em outros se diz *monasterium*, etc., parece que significativamente.

² Deixei demonstrado n-*O Arch. Port.*, X, 246, no artigo: *Um erro de amanuense nas Inquirições de D. Afonso III (C. Sancti Salvatoris d' Arcus)*, que aqui se deve ler *Sancti Petri d' Arcus*. A interpretação natural, mas incorrecta das *Inquirições*, faz que se diga que o primitivo assento deste mosteiro foi no lugar da futura vila dos Arcos.

alcança D. Afonso Henriques, a outra a rainha viúva do Conde D. Henrique. Segundo aquelas, D. Afonso coutou o primitivo mosteiro na freguesia de S. Pedro dos Arcos, e o abade e os frades *sacaram-no* dali e transferiram-no para o lugar de Armelo (ou Ermelo). No tempo destas *Inquirições*, esta freguesia, que era limítrofe da de S. Pedro dos Arcos, pertencia ao Julgado de Soajo, aquela ao de Valdevez. Desta primitiva fundação não conheço nem foram ainda encontrados



restos architectónicos, mas a inscrição funerària que estudei n-*O Arch. Port.*, VII, 81, e VIII, 204, é decerto o testemunho significativo da existência de um mosteiro, de que Ordónio era confrade ou donato, em S. Pedro dos Arcos.

A notícia contida nas *Inquirições* de D. Afonso II (1220) não se reporta a tempos anteriores e, o que nos diz de Ermelo, é um eco das rivalidades entre os reis e os mosteiros, no que tocava à posse

das terras¹, mas interessa-nos menos pelo que respeita á antiguidade da igreja de Ermelo.

A segunda referencia é feita por uma doação de D. João I, em carta datada de 5 de Janeiro da era de 1426 (Livro I, fl. 178, da



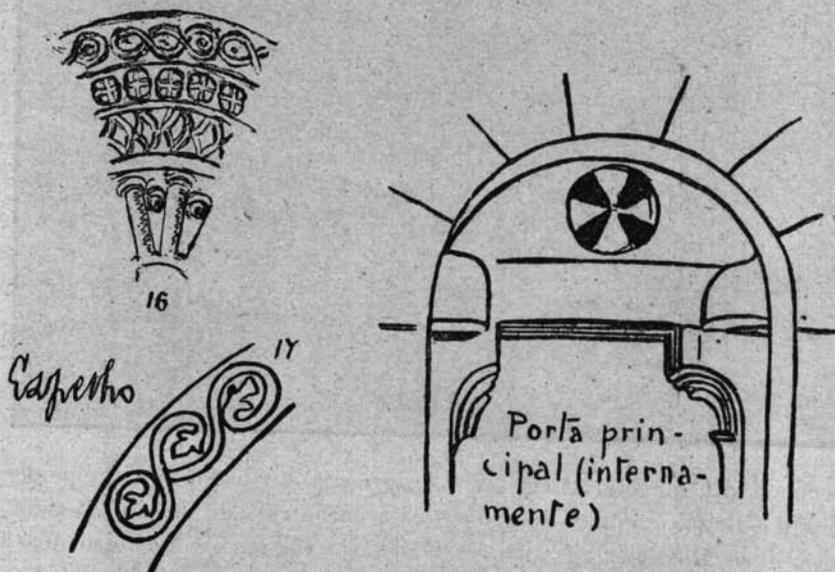
respectiva Chancelaria) em favor do próprio mosteiro, das igrejas de Soajo e Britelo, aquela limitrofe e esta do outro lado do rio. Aí dizia Frei João Martins que a rainha D. Tareja edificara o mosteiro, mas não o pudera acabar, e ainda no tempo de D. João se encontrava, podemos aqui também dizer, imperfeito². Esse documento prova também

¹ Transcrevo dessas *Inquirições* (*Port. Mon. Hist., Inquisitiones*, p. 37): De terra de Anovrega... De Santa Maria de Santa Asia. Abbas infirmatur.. et dixerunt omnes jurati quod in Galieira (deve ser Gavieira, hoje freguesia destes sitios) habebat dominus Rex suum regalengum et dabant inde octavam; et fuit abbas de *Ermelo* et posuit per ipsum regalengum cautos et dedit illud ad monasterium de *Ermelo*; et fuerunt omnes homines facere raneuram domino Regi Sancio, et dedit eis portarium et intravit inde ipsos homines; et postea venit ipse Abbas et filiavit illum et incartavit eum cum Ooriguiz ut haberet totum cum Monasterio per medium, ideo ut per illum haberet illum bene paratum et sic nichil inde habet Rex».

² Dom Joam por graça de Deus Rey de Portugal e do Algarve, Senhor de Ceupta & A quantos esta carta virem fazemos saber que Dom Frey Joam Martins

que a existência do convento estava já ameaçada pela pouca frequência de monges, hipótese que aliás já fôra prevista pela régia fundadora (*Arch. Port.*, VII, 83) e confirma o que atrás deixo esclarecido acêrca da transferência do mosteiro de S. Pedro dos Arcos para o lugar de Ermelo, porque a rainha dispunha que, se o mosteiro não se pudesse «manter asy por guerras, como por mortindade, como por outra qualquer guiza que seja, que se tornasse a S. Pedro Darcos, que é no julgado de Valdevez».

Do séc. XIII (E. 1296; A. 1258) ás *Inquirições* de Afonso III, sendo abade Pedro Anes, os depoentes disseram que o mosteiro

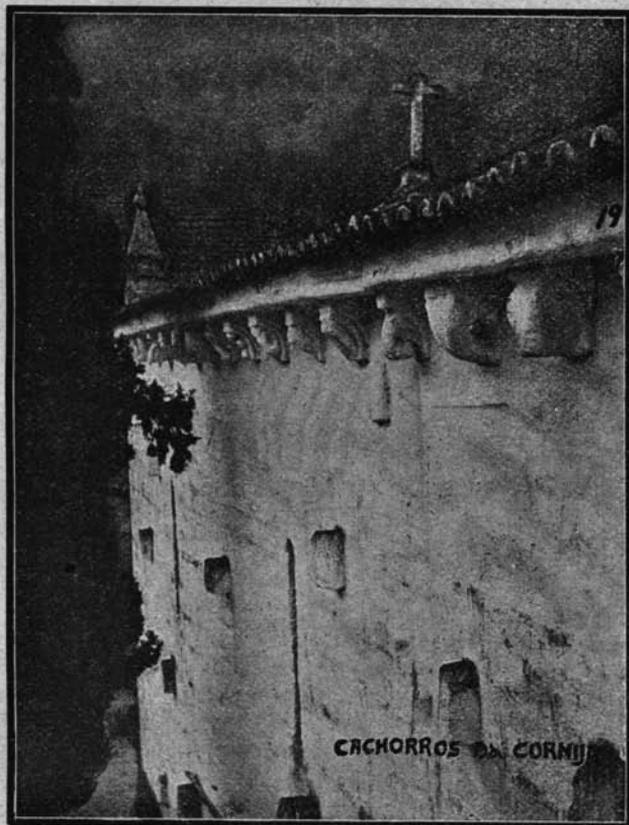


era coutado por padrões, não tendo aí fôro El-Rei (*Arch. Port.*, X, 248). As *Inquirições* de D. Dinis nada dizem de Ermelo. Um século depois, encontro no reinado de D. Pedro I e no Liv. I, fl. 66 v, da Chancelaria respectiva, a seguinte indicação: «Carta porque o dito senhor consentio e outorgou a eleição que foi feita de fr. Estevão

Abade do nosso Mosteiro de Santa Maria de Ermello nos disse que a Raynha Dona Tareja nossa bisavó a que Deos perdoe edificara o dito Mosteiro e o naon acabara asy como inda agora he e o edificara no julgado de Soayo que he terra de montanhas hermas e lhe leyxara herdades em as ditas montanhas e em outros logares e pollas guerras que foram ataquí e pollas grandes mortindades que elle e todo o seu Convento se nom podia manter, etc.

Lourenço, prior e abade do seu mosteiro de Ermelo do bispado de Tuy, dada em Evora, a 2 de Novembro da era de 1399» (a. 1361).

Do já referido D. João I emanou outra carta ao mesmo abade Fr. João Martins, apresentando-o D. João I no referido mosteiro, em data de 10 de Agosto de 1429 (a. 1391). Encontra-se no Liv. II, fl. 60, da Chancelaria. Deverá datar de D. Duarte ou do seu sucessor o ermamento do cenóbio.



No séc. xv, a Chancelaria de D. Afonso V tem uma carta régia que apresenta em Santa Maria de Armelo, do bispado de Tuy, Afonso Anes, clérigo, por morte de Afonso Esteves (Liv. II, fl. 92 v) dada em Coimbra em 8 de Julho da era de 1441. D. Manuel, achando-se em Estremoz em 1497, confirma «todas as honras, privilegios, liberdades, graças, e mercês que pelos reis de gloriosa memória... lhes foram dadas... e as tiveram e delas usaram atee o tempo delRey dom Joham o segundo» (Liv. I, *Dalem Douro*, fl. 33 v).

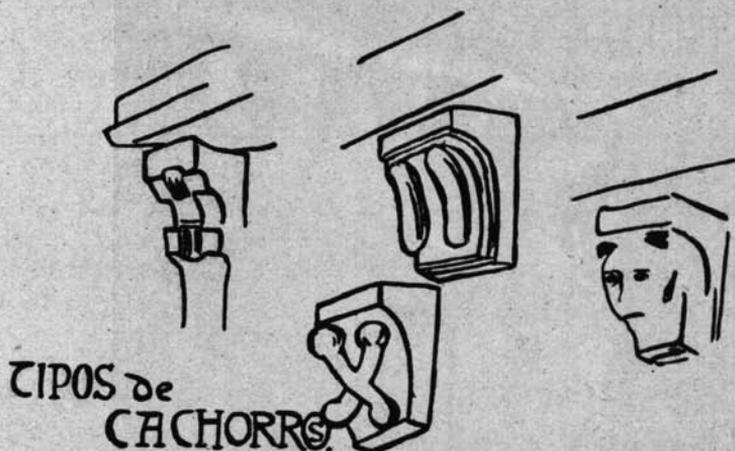
No séc. XVI (1557), já era abade de Ermelo um capelão do rei, Gaspar Godinho, residente em Tora¹, freguesia do Vale. Em 1560 uma carta do Dr. António Lopes a el-Rey alega que Ermelo é do padroado real (*C. Cronolog.*, P. 1.^a, Maço 104, D. 22). Êste antigo e sertanejo cenóbio achava-se assim transformado em igreja paroquial, à mingua de monges (cf. *Elucid.*, de Viterbo, I, p. 352), mas para os párocos subsistia o tratamento tradicional de Dom Abade.

5

A roda dêste mosteiro de tam respeitável antiguidade paira ainda hoje a seguinte lenda.

Um rei tinha uma filha e esta pediu-lhe licença para construir um palácio no sítio mais elevado dos seus domínios; obtida a permis-

20



são, começaram as obras no Outeirô Maior (é o ponto mais elevado na Serra de Soajo) em um de cujos contrafortes assenta Ermelo. Foram dizer ao rei que a filha, daquele sítio, descortinava terras até Espanha, e então o pai, para evitar alguma guerra com esta nação, cassou-lhe a licença. Então a princesa pediu-lhe que lhe deixasse escolher o lugar mais enterrado de Portugal para o palácio. O rei anui e a filha veio então escolher o sítio, onde está a igreja de Ermelo.

¹ Tora ainda conserva, ao lado da habitação moderna, a tôrre senhorial, hoje separada e reconstruída pelo seu actual proprietário e meu amigo João Cândido de Gusmão e Vasconcelos, a quem ministrei o desenho das janelas ogivais.

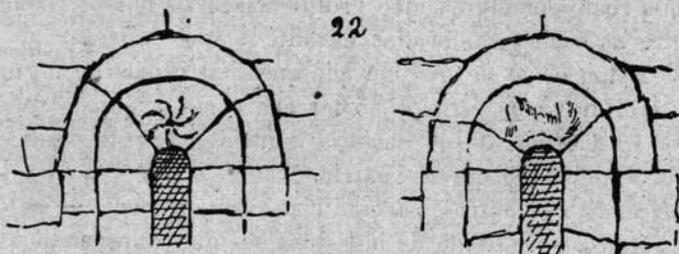
O velho que me contava esta história hesitava entre a construção de um palácio e a fundação de um mosteiro; o facto é que, como já descrevi, há junto da igreja restos de convento.

Presumi que o pedido da princesa visava a toda a extensão de território que se avistasse do local escolhido, quer se tratasse do ponto culminante, quer do fundeiro, pelo contraste¹; mas receei fazer observações ao contista, que acrescentou que a imagem de Santa Maria, pintada por trás do altar-mor, era o retrato da aludida princesa.

21

¿Poderão ver-se nesta lenda, desfigurados, D. Afonso VII e a filha D. Tareja?

O mesmo informador disse-me que o povo daquela freguesia tinha prestado culto a um monge, que morrera afogado em um poço ou pego do rio Lima, defronte de Ermelo, e depois fôra enterrado em uma das sepulturas do pavimento da igreja. Êsse pego, segundo a informação, terá cinquenta braças de profundidade (!) e — deita a pedra toda a um lado—. Isto



FRESCAS do CÔRO

quere dizer decerto que a água redemoinha em consequência dalguma *marmita* da rocha. O monge seria oriundo da casa de Tora, freguesia actual de Nossa Senhora do Vale.

A lenda de Ermelo talvez possa relacionar-se com a de Bouças-Donas, lugar da freguesia de Cabana Maior, tam sertaneja como a de Ermelo. Segundo esta lenda, uma princesa quis fundar um convento, juntamente com outras donas que a acompanhavam, no alto da serra e, como fôsem residir em certo sitio da freguesia de Cabana-

¹ Duarte Nunes de Leão, na *Primeira parte das crônicas dos Reis de Portugal reformadas* (Lisboa, MDCLXXIII), pp. 106 e sgs., conta que D. Afonso Henriques, quando, por sitios ínvios, se transportou de Coimbra a Santarêm para a tomada deste castelo, estacionando na serra de Albardos a meio caminho, fez o voto de dar a Bernardo, abade de Claraval, toda a terra que dali descobria até o mar. Foi o cumprimento dêste voto que deu origem a Alcobaça.

-Maior, chamado Bouças, êsse local ficou-se chamando depois Bouças-Donas¹. Da edificação diz-se que restam ruínas no sítio do Pedrinho ou no da Pedrada e é notável que em Panóias (Vila-Rial) tivessem dito a Gabriel Pereira, apontando para as longínquas cumeadas de Soajo, que havia aqui grandes ruínas (*Boletim da Associação dos Archeólogos*, VII, 53). Termino com esta pergunta: não terá a igreja de Ermelo requisitos para ser considerada monumento nacional?

Dezembro de 1916.

F. ALVES PEREIRA.

As pedras preciosas de Lisboa (Belas) na História

Em 1914 publicou o notável geólogo o Sr. Paul Choffat nas *Comunicações do Serviço Geológico de Portugal*, vol. X, um estudo intitulado *Les mines de grenats du Suimo*. Êste trabalho, de altíssima importância para a história da época romana em Portugal, não teve a publicidade relativa ao assunto tratado, nem a êle se seguiram trabalhos complementares, que profundassem os nossos conhecimentos sobre as minas exploradas durante a época romana no aro de Lisboa. Estou certo de que em qualquer outro país do norte ou do centro da Europa os estudos no terreno e nos arquivos não deixariam de se succeder até se alcançar notícia suficiente dêsse curioso resto da antiguidade no solo pátrio.

Esperando que outros o façam com competência, vou entretanto tornar público o resultado de investigações que empreendi, quer em publicações especiais quer em obras históricas ou literárias, servindo-me de base o citado trabalho do Sr. Choffat.

No começo da era cristã um certo Boccho, que se julga lusitano com bons fundamentos, no passo duma obra que cita Plínio, escreveu que no território de Lisboa se extraíam com grande trabalho carbúnculos do barro torrado pelo sol. O único lugar nas proximidades de Lisboa onde hoje se encontra esta particularidade de extracção é próximo de Belas, como diz o Sr. Choffat: «Cette assertion se rapporte évidemment aux fossés du Suimo, seul point des environs où

¹ Esta versão é a de Pinho Lial. Em 1895 contaram-me na serra a mesma tradição com alguma variante. Umas freiras (!) de Ermelo quiseram fundar outro convento no tal sítio do Pedrinho ou da Pedrada (êste é o ponto mais alto do Outeiro-Maior), mas no primeiro inverno tiveram de descer dos altos, ergueram uma cabana, que deu origem a Cabana-Maior no sítio que se chamou Bouças-Donas. Outra variante é a do pároco depoente de 1758, n-*O Arch. Port.*, II, 316. A verdade é que estas variantes têm traços comuns.